

# Quarteto de Cordas de Matosinhos

22 Set 2022  
19:30 Sala 2

## José Vianna da Motta

Quarteto de cordas n.º 2, em Sol maior (1895; c. 16min)

1. Allegro vivace
2. Adagio: "Cena nas Montanhas"
3. Presto

## Franz Schubert

Quarteto n.º 14 em Ré menor, D. 810, "A morte e a donzela"

(1824; c. 45min)

1. Allegro
2. Andante con moto
3. Scherzo: allegro molto
4. Presto

## José Vianna da Motta

SÃO TOMÉ (SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE), 22 DE ABRIL DE 1868

LISBOA, 1 DE JUNHO DE 1948

### Quarteto de cordas n.º 2, em Sol maior

Pianista, compositor e pedagogo, José Vianna da Motta pode ser considerado o primeiro compositor nacionalista português e o fundador de uma escola interpretativa que se prolongou durante o século XX, tendo formado uma geração de pianistas portugueses. Depois de ter estudado no Conservatório Nacional, instalou-se em 1882 em Berlim. Foi ali que estudou composição. Frequentou primeiro o recém-fundado Conservatório Scharwenka, tendo tido como professor, entre outros, Xaver Scharwenka, e na mesma cidade recebeu, entre 1886 e 1889, aulas privadas de piano e de composição de Carl Schaeffer, membro da Sociedade Wagneriana.

Antes da sua estadia em Berlim, entre 1875 e 1883, Vianna da Motta escreveu obras para piano: marchas, peças de baile (mazurcas, valsas, polcas, etc.), pequenas peças, variações e fantasias sobre temas de óperas que reflectem os gostos da época estando sobretudo destinadas ao uso doméstico. O segundo grupo de obras que se destacam no seu catálogo, compostas entre 1884 e 1895, coincide maioritariamente com o período de formação na Alemanha e inclui: peças para piano, Lieder e várias composições em géneros clássicos com especial destaque para a Sonata para piano (1885), a Abertura orquestral *Inês de Castro* (1886); um Concerto para piano e orquestra (1886-87), o primeiro Quarteto

de cordas (1888) e um Trio com piano (1889). Entre 1893 e 1908, encontramos no seu catálogo um terceiro grupo de obras que se caracteriza pelo recurso à canção tradicional portuguesa: as *Rapsódias portuguesas* (1891-1893), os três cadernos de *Cenas portuguesas* (ca. 1893, 1905 e 1908) e a *Balada* op. 16 (1905). Pode distinguir-se um quarto núcleo de obras, escritas entre 1893 e 1897, que reflectem de maneira específica o programa nacionalista, constituído pelas *Canções portuguesas* op. 10 (1893-95), pela *Sinfonia à Pátria* (1894, revista em 1920) e pela *Invocação dos Lusíadas* (iniciada em 1897, concluída em 1915 e revista em 1938).

O primeiro andamento do Quarteto em Sol maior foi localizado pela cantora Elvira Archer, especialista na figura e na interpretação da música de Vianna da Motta, no ano do cinquentenário do falecimento do compositor. Encontrava-se no espólio do violonista Bernardo Moreira de Sá, com quem o compositor e pianista teve uma frutífera relação. Tinha estado, até então, em paradeiro desconhecido, sendo porém conhecidas duas peças para cordas que tinham sido publicadas sob o título *Cenas da Montanha* e que resultaram ser os andamentos segundo e terceiro deste Quarteto. A obra foi estreada pelo Quarteto Moreira de Sá em 1895, pelo que parece que a sua composição foi contemporânea de obras já mencionadas, tais como as *Rapsódias Portuguesas*, as *Cenas Portuguesas* e a *Sinfonia à Pátria*. Na sua correspondência com Lopes-Graça, de facto, identificou-a como tendo sido escrita nos Açores sob a inspiração da música ouvida na ilha de São Miguel, onde permaneceu uma temporada. O primeiro andamento, em forma sonata, apresenta material temático cujo perfil principalmente rítmico nos introduz no ambiente bucólico que é explicitamente explorado nos dois andamentos subsequentes através da alusão à música regional portuguesa. Esta é usada enquanto material temático e rítmico, como citação e também como inspiração de música "à moda popular", integrando-se solidamente nas convenções quartetísticas da época. Não se trata, portanto, de um mero *pot-pourri* de carácter rapsódico, mas de uma obra na qual se tenta retratar, de forma amável e nostálgica, a vida na natureza.

TERESA CASCUDO, 2014

## Franz Schubert

VIENA, 31 DE JANEIRO DE 1797

VIENA, 19 DE NOVEMBRO DE 1828

### Quarteto de cordas n.º 14 em Ré menor, D. 810, “A morte e a donzela”

Do ponto de vista biográfico, o quarteto conhecido como “A morte e a donzela” foi escrito num momento em que Schubert, por um lado, tinha perfeita consciência das graves sequelas da doença de que padecia. Por outra parte, coincidiu com uma fase em que o jovem compositor tinha igualmente consciência do seu valor do ponto de vista profissional e ambicionava emular as estratégias desenvolvidas, com sucesso, por Beethoven. Numa cidade onde a maturidade era uma condição necessária para ter pleno respeito social — o que explica a exaltação da juventude que caracteriza as artes da época — e tomando em consideração que o mencionado Beethoven, falecido em 1827, era o compositor no qual os vienenses concentravam esse respeito no âmbito da música, era impossível que o génio de Schubert fosse plenamente apreciado. No entanto, devemos considerar que a sua boa reputação como músico e compositor se correspondia com o que era expectável, dadas as suas circunstâncias e o seu talento.

Em 1824, tinha experimentado todos os principais géneros musicais, do Lied à ópera e da música de câmara à sinfónica, passando por uma ampla produção de peças — danças, marchas — para os serões privados das novas classes burguesas. Comentou, aliás, com um dos seus amigos, por carta, quais eram os seus projectos: “Não tenho escrito demasiadas canções novas, mas tenho trabalhado em várias partituras instrumentais: escrevi dois quartetos para violinos, viola e violoncelo assim como um octeto, de facto tenho a intenção de abrir assim o meu caminho para a grande sinfonia. A última novidade em Viena é que Beethoven vai dar um concerto no qual vai apresentar a sua nova sinfonia, três andamentos da nova Missa e uma nova Abertura. Se Deus quiser, espero poder dar um concerto similar para o ano.” Teve de esperar, no entanto, quatro anos para ver concluída aquela que foi a sua última sinfonia, a n.º 9 em Dó maior, também conhecida como “A Grande” e, fatalmente, a doença e a morte impediram que os seus sonhos se tornassem realidade.

Um dos quartetos mencionados nessa carta é, precisamente, o n.º 14 em Ré menor que faz parte deste programa e que Schubert, tal como explicava com as suas próprias palavras, encarava como uma via para cimentar uma reputação como compositor de música instrumental. No entanto, um dos rasgos mais evidentes da partitura é justamente a citação, no segundo andamento, de um Lied que o compositor tinha escrito em 1817, intitulado *A morte e a donzela*. Na realidade, o tema que é variado por cinco vezes no segundo andamento corresponde-se com a cantilena que, nessa canção, quase que recita a morte em ritmo de pavana. Oferece a sua mão à donzela, que quer continuar viva e lhe assegura que vai descansar docemente nos seus braços. Dado o contexto de prenúncio da morte que o compositor estava a viver nesse momento, não é descabido ver na partitura a projecção dos seus próprios medos. De facto, no primeiro e no terceiro andamentos assiste-se a uma contraposição entre secções agitadas e secções mais calmas cuja

textura é a característica da melodia acompanhada. Dir-se-ia que se confrontam a agitação emocional com o desejo de autocontrolo, ou o presente conturbado com um passado feliz, imaginado com lirismo. Ainda, o último andamento é uma *tarantella*, uma dança à qual, na Idade Média, eram atribuídas propriedades curativas contra a picada mortal da tarântula. Nesse contexto aludido mais acima, pode ser interpretado como uma espécie de tentativa de conjurar a loucura e a morte.

TERESA CASCUDO, 2022

## Quarteto de Cordas de Matosinhos

Vítor Vieira violino

Juan Maggiorani violino

Jorge Alves viola

Marco Pereira violoncelo

Aclamado como um “caso singular de excelência no panorama musical português” (Diana Ferreira, *Público*, 2010), o Quarteto de Cordas de Matosinhos (QCM) foi criado pela Câmara Municipal de Matosinhos através de um concurso público. Desde 2008 é residente desta cidade, onde desenvolve uma temporada regular de concertos.

Na temporada de 2014/15, o QCM foi escolhido como uma das ECHO Rising Stars, por nomeação da Casa da Música e da Fundação Gulbenkian, realizando uma tournée de 16 concertos em importantes salas de concertos europeias. Apresenta-se também regularmente nos principais palcos do nosso país e colabora com alguns dos mais destacados músicos portugueses, tais como Pedro Burmester, António Rosado, Miguel Borges Coelho, António Saiote, Paulo Gaio Lima e Pedro Carneiro.

Desde a sua criação, o QCM assumiu um forte compromisso com o repertório português para quarteto de cordas, interpretando muitas obras menos conhecidas e abraçando novas obras de compositores contemporâneos: estreou já mais de 20 novas obras. O outro principal objectivo artístico do QCM vem sendo cumprido com a interpretação em Matosinhos do grande repertório para quarteto de cordas: as obras completas de Mozart e Mendelssohn foram já apresentadas, estando em curso as integrais de Haydn, Beethoven e Chostakovitch.

O QCM e os seus membros foram reconhecidos com prémios nos mais importantes concursos musicais nacionais, como o Prémio Jovens Músicos da RDP e o Concurso Internacional de Música de Câmara “Cidade de Alcobaça”. Todos os membros estudaram na Academia Nacional Superior de Orquestra e aperfeiçoaram a sua arte em várias escolas de prestígio, incluindo a Escuela Superior de Música Reina Sofía (Madrid), a Northwestern University (Chicago) e o Conservatório de Sion (Suíça). O QCM também realizou formação especializada no Instituto Internacional de Música de Câmara de Madrid, onde estudou com Rainer Schmidt (violonista do Quarteto Hagen), além de trabalhar em masterclasses com membros de grandes quartetos de cordas, como Alban Berg, Lasalle, Emerson, Melos, Vermeer, Kopelman e Talich.